

Pastore nega novo aperto

O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, viaja hoje à noite para Nova Iorque, onde participa de reuniões até a próxima terça-feira com os bancos credores do País e o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière. Ontem, em entrevista ao **Bom dia Brasil**, Pastore negou qualquer aperto adicional na política monetária, neste final de ano; anunciou leve queda no volume de compromissos externos em atraso; assegurou o fim da centralização cambial em dezembro e previu "uma faixa de crescimento econômico visível" para 1985.

Até meados do próximo ano, diante do quadro inflacionário e das restrições externas, o presidente do Banco Central disse que o País vai viver, "infelizmente, numa fase de aprofundamento recessivo muito nítida, com queda continua da produção industrial". Embora 1984 deva repetir a taxa de crescimento zero do Produto Interno Bruto (PIB), Pastore observou que, "em algum ponto do próximo ano", as taxas de queda do

PIB sofrerão redução para, depois, equilibrar o produto industrial.

Para evitar o agravamento do "curso recessivo já muito nítido", Pastore afirmou que não está em consideração maior aperto creditício e que o Banco Central considera satisfatória a manutenção da taxa de expansão anual da base monetária — emissão primária de moeda — em 90%. Com a queda da inflação e dos juros, ressaltou que, "eventualmente, mais para o fim de 1984, o produto industrial começará a crescer, relativamente ao fundo do poço.

Amanhã, em Nova Iorque, o presidente do Banco Central e o comitê de assessoramento da fase 2 da renegociação da dívida externa começam a avaliar o volume de adesões formalizadas até ontem ao empréstimo de US\$ 6,5 bilhões. Após as conversações mantidas nos últimos dois dias, também em Nova Iorque, pelo diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, pelo vice-presidente de operações internacionais e diretor de opera-

ções externas do Banco do Brasil, Eduardo de Castro Neiva, e Antonio Machado de Macedo, respectivamente. Pastore espera ter a garantia dos US\$ 6,5 bilhões do jumbo dos US\$ 10 bilhões de crédito comercial e mais US\$ 6 bilhões de linhas interbancárias.

Em consequência, afirmou que o Brasil vai passar a ter "uma situação de caixa confortável para executar o programa de 1984". Segundo Pastore, o acúmulo de superávits na balança comercial já permitiu uma leve retração no volume de compromissos em atraso. Com a liberação das parcelas retidas de US\$ 1,72 bilhão do jumbo assinado em fevereiro último com os bancos privados e mais US\$ 1,22 bilhão do FMI, além do ingresso antecipado de US\$ 3 bilhões do novo empréstimo bancário, o presidente do Banco Central garantiu que o alívio da situação das contas externas permitirá a eliminação dos compromissos em atraso e também o fim da centralização cambial.